

MIGRANTE, AUTÔNOMA, MULHER: A MIGRAÇÃO COMO UM PROJETO EDUCACIONAL E EMPODERADOR¹

Helena de Sousa Paz², Glaucia de Oliveira Assis³, Isabel Hirt Delluno⁴

1 Vinculado ao projeto “Famílias Transnacionais: Gênero e educação”

² Acadêmico (a) do Curso de Pedagogia – FAED – Bolsista PIBIC/CNPq

³ Orientador, Departamento de Pedagogia – FAED – glaucia.assis@udesc.br

⁴ Acadêmico do Curso de História – FAED

Quando se pensa na imigração de brasileiros para o continente europeu, existem duas perspectivas que têm sido estudadas e se mostrado presentes nas imagens da mídia: a de migração a trabalho e o intercâmbio educacional. Tais estudos tendem a visualizar a primeira como direcionada às camadas populares, que viajam até a Europa para trabalhar em serviços de baixa qualificação, como os serviços de cuidados e atendimento ao público, enquanto a segunda é pensada como direcionada a camadas médias e médias altas urbanas que, através de agências e programas de intercâmbio, procuram uma experiência linguística e/ou cultural, bem como expandir seus currículos profissionais e aumentar as possibilidades de trabalho após a volta ao Brasil. Além disso, até recentemente era predominante a representação da figura masculina realizando ambos projetos migratórios, consequentemente, invisibilizando o contingente de mulheres que compõem em larga escala os fluxos de brasileiras e brasileiros migrantes na Europa.

O presente projeto de pesquisa “Famílias Transnacionais: Gênero e educação” iniciado em 2019 e coordenado pela Professora Gláucia de Oliveira Assis pretende desmistificar alguns estereótipos populares sobre a imagem do migrante, bem como sobre seus objetivos e trajetórias no ato da migração. Pretende também contribuir com os estudos de migração e educação, incorporando essas temáticas nas discussões sobre mobilidades contemporâneas. Para isso, além da escolha da Alemanha como o território de nossa etnografia, decidiu-se como foco de pesquisa mulheres brasileiras de camadas populares urbanas, que migraram em busca de oportunidades de estudar em universidades alemãs. Por conta dos acontecimentos recentes no ano de 2020, referentes a pandemia do COVID-19, as viagens programadas para realização do trabalho de campo tiveram que ser adiadas, portanto no último semestre o foco foi direcionado à realização de uma revisão bibliográfica sobre a história dos fluxos migratórios na Alemanha, bem como a análise de dois estudos de casos, o primeiro escrito por Javier A. Carnicer (2019) e o segundo por Sara Fürstenau (2019), ambos analisando a trajetória de duas mulheres brasileiras moradoras de Comunidade que migraram para a Alemanha com o objetivo de preencher uma vaga nas universidades alemãs.

O primeiro detalhe que se pode notar em ambos estudos é o fato de que as histórias dessas mulheres caminham contra duas imagens estereotipadas e muito popularizadas pela mídia e nos estudos clássicos de migração (Assis, 2007), a primeira: do migrante como homem e jovem e a segunda: da mulher que migra meramente como acompanhante de seu marido, ou então, em busca de um parceiro/casamento. Na verdade, ambas entrevistadas são mulheres negras e jovens de origem periférica que migraram não com o objetivo de formar uma nova família no exterior, mas de estudar nas universidades e, através das qualificações adquiridas com seus estudos, melhorarem as condições de vida de seus familiares residentes no Brasil. É possível também perceber que, em ambos os casos estudados, essas mulheres se utilizam dos conhecimentos adquiridos com o processo migratório para trazer suas sobrinhas e primas mais jovens também como migrantes na Alemanha. Esse tipo de migração que traz redes de amigos e parentes, configuram redes sociais no processo migratório que contribuem para a formação de Famílias Transnacionais: quando as

relações familiares se estabelecem para além das fronteiras e se organizam através de novos arranjos familiares de convivência e partilhamento de afetos.

Outro detalhe que se pode notar e que se pretende focar no presente projeto é a maneira como a trajetória da migrante e os desafios enfrentados durante esse processo metamorfoseiam-se em novo projeto de vida, diferente do originalmente pensado. Ambas entrevistadas migraram para a Alemanha com o objetivo inicial de trabalhar até que ganhassem fluência suficiente para realizar o teste de proficiência de língua alemã exigido pelas universidades como pré-requisito para a matrícula de estudantes migrantes, porém o estado de vida atual de ambas se mostra diverso e, ao mesmo tempo, considerado satisfatório pelas migrantes em relação aos seus objetivos iniciais.

Ambos casos analisados revelam que essas mulheres não atingiram a nota necessária na primeira tentativa do teste de proficiência e que, para conseguirem se manter por mais tempo em situação regulamentada no país, conseguiram trabalho em um Asilo de Idosos que oferecia uma proposta de curso técnico em enfermagem, com oferta de bolsa auxílio. Consequentemente, após a formação no curso, adquiriram trabalho regulamentado na área e atualmente conseguem se manter no país, uma delas, até mesmo, paga a escola privada para um dos sobrinhos no Brasil. Apesar da trajetória ter gerado resultados diferentes do planejado, ambas se sentem satisfeitas e felizes com as aquisições realizadas. Uma delas, que planejava cursar faculdade de Ciências Sociais, afirma ter se apaixonado pela profissão da enfermagem e que se sente profissionalmente realizada. A outra, que desejava cursar Medicina, diz que o curso técnico e a profissão de enfermeira lhe ofereceram um vasto aporte teórico na área da saúde e que se sente ainda mais motivada a eventualmente cursar a faculdade de medicina. Ambas também alegaram que o projeto migratório lhes trouxe oportunidades que jamais teriam no Brasil, e que na Alemanha além de uma qualidade de vida melhor, recebem também um salário maior do que receberiam com as mesmas qualificações curriculares no Brasil.

Portanto, não se pretende nesse estudo analisar o caso dessas mulheres através de uma visão de “acomodação” ou “desistência”, porém mostrar como a experiência migratória oferece novas perspectivas e possibilidades para além daquelas imaginadas no seu período embrionário e como o ato de migrar por si só também oferece aprendizados que por volta transbordam o conceito de educação acadêmica. Como por exemplo: a experiência cultural, experiência linguística e o aprendizado de novas maneiras de se relacionar e adaptar aos contextos e desafios que são submetidas. Por fim, compreendemos que a migração internacional nem sempre precisa se manter presa a imagem de apenas mais um marcador de desigualdade social e que cada vez mais mulheres brasileiras, periféricas e não-brancas quebram com as expectativas de uma sociedade excludente e migram, não apenas em busca de matrimônio ou empregos que as mantenham em sua situação de subalternidade, mas em busca de um projeto de crescimento pessoal, superação da situação de pobreza estrutural e sobretudo um projeto de autonomia.

Palavras-chave: Migração, Famílias Transnacionais, Educação Internacional